



Do texto à identidade: a Filologia dos termos de pertença, do israelita ao sabra, e a construção da judeidade

From text to identity: the philology of belonging, from the israelite to the sabra, and the construction of jewishness

Isabel Arco Verde Santos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
<https://orcid.org/0000-0002-6339-759X>
verdesantos@uol.com.br

DOI: <https://doi.org/10.12957/principia.2026.100396>

RESUMO: O artigo promove uma densa investigação filológica e histórica sobre a gênese e a evolução dos termos que designam o povo de Israel, analisando como vocábulos como hebreu, israelita, judeu, israelense e *sabra* surgiram e se transformaram sob influências bíblicas, helenísticas e modernas. Através de um minucioso exame morfológico de sufixos e da análise de textos fundamentais — que vão do Pentateuco e Provérbios às pesquisas contemporâneas sobre a Inquisição e o Iluminismo Judaico (*Haskalah*) — a autora demonstra que a identidade judaica transcende a dimensão estritamente religiosa, bifurcando-se nos conceitos de “judeidade” (o pertencimento cultural e histórico) e “judaidade” (a prática da fé). O texto conclui que, apesar das tensões políticas e das variações terminológicas impostas pelo tempo e pelas perseguições, a Bíblia permanece como a âncora fundante e o elo inalienável que une a ancestralidade à modernidade secular, servindo como a matriz que molda não apenas o léxico, mas a própria essência ética e existencial do ser judeu.

Palavras-chave: Filologia bíblica; gentílicos e etnônimos; identidade judaica; judeidade e judaidade; Haskalah.

ABSTRACT: This article provides a profound philological and historical investigation into the genesis and evolution of the terms designating the people of Israel, analyzing how words such as Hebrew, Israelite, Jew, Israeli, and *sabra* emerged and transformed under biblical,



Hellenistic, and modern influences. Through a meticulous morphological examination of suffixes and the analysis of foundational texts — ranging from the Pentateuch and Proverbs to contemporary research on the Inquisition and the Jewish Enlightenment (*Haskalah*) — the author demonstrates that Jewish identity transcends the strictly religious dimension, bifurcating into the concepts of “Jewishness” (*judeidade* — the cultural and historical belonging) and “Judaicity” (*judaidade* — the practice of faith). The text concludes that, despite political tensions and the terminological variations imposed by time and persecution, the Bible remains the founding anchor and the inalienable link between ancestry and secular modernity, serving as the matrix that shapes not only the lexicon but the very ethical and existential essence of being a Jew.

Keywords: Biblical Philology; Gentiles and Ethnonyms; Jewish Identity; Jewishness and Judaicity; Haskalah.

Introdução

A identidade judaica ao longo da história não se constituiu de forma estática, refletindo-se diretamente na pluralidade de termos empregados para designar o grupo em diferentes épocas e regiões. Afinal, nomear é, antes de tudo, um ato de delimitação histórica e cultural. No contexto da trajetória judaica, as formas de identificação oscilaram constantemente entre o olhar do outro e a construção interna da própria coletividade.

Este trabalho propõe uma reflexão abrangente sobre as dinâmicas de nomeação que caracterizam o indivíduo e o coletivo judeu, investigando suas origens etimológicas e os percursos linguísticos que trouxeram esses vocábulos ao idioma português — com atenção especial às suas variações morfológicas em prefixos e sufixos.

Para além de um levantamento puramente filológico, examinam-se tanto as denominações gerais e os vocábulos que singularizam subgrupos específicos quanto os termos autodesignativos de pertença comunitária. Ao mapear essas nomenclaturas, busca-se demonstrar de que modo a linguagem atuou simultaneamente como instrumento de diferenciação externa, preservação de memória e registro vivo das transformações sociais, diásporas e dinâmicas de integração do povo judeu ao longo dos séculos.



1 Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, combinando a pesquisa bibliográfico-documental com a análise linguística e histórica. O objetivo central é mapear e analisar a evolução terminológica associada à identidade judaica e sua recepção na língua portuguesa, contemplando tanto denominações gerais quanto termos aplicados a subgrupos e expressões de pertença comunitária.

Para isso, foram levantados os principais vocábulos e expressões que historicamente identificam o indivíduo e a coletividade judaica, extraídos de dicionários etimológicos e históricos da língua portuguesa, obras de referência em estudos judaicos e fontes historiográficas especializadas.

Os termos selecionados foram submetidos a um exame etimológico e morfológico, identificando-se as línguas de origem (como o hebraico, o aramaico, o grego e o latim) e as rotas de transmissão que permitiram sua incorporação ao português. Nesta etapa, atribui-se especial atenção aos processos de formação das palavras, analisando o papel de prefixos e sufixos na construção de significados e distinções categóricas.

Por fim, os termos foram categorizados funcionalmente para além de sua estrutura estritamente linguística, distinguindo-se entre os termos atribuídos por grupos externos com funções de diferenciação ou alteridade e os vocábulos endógenos de identificação e pertença comunitária; além das nomenclaturas específicas associadas a divisões geográficas, culturais, religiosas ou históricas dentro do judaísmo.

Essa articulação entre a análise morfossemântica e o contexto histórico permite compreender como as oscilações terminológicas refletem os processos de preservação identitária, alteridade e integração do povo judeu ao longo do tempo.

2 Contextualizando

Por muito tempo, o vocábulo “judeu” evocou imagens estritamente religiosas, rechaçando qualquer tentativa de dissociar a identidade judaica da religiosidade. No entanto, a religião não é o único — e, por vezes, nem o melhor — parâmetro para definir o judeu. As histórias de perseguições que atravessam os séculos acirraram essa discussão, uma vez que muitos judeus se viram na necessidade de negar ou esconder suas crenças e práticas para salvar



suas vidas. Para alguns, a dificuldade em manter o elo religioso ou a memória ancestral foi tão avassaladora que tais traços se perderam entre seus descendentes.

As pesquisas da Professora Anita Novinsky (USP), referência no estudo da Inquisição, trouxeram à luz diversos casos que ilustram essa realidade, bem como a dificuldade de retorno não só à religião, mas ao reconhecimento pela própria comunidade judaica. Por outro lado, havia também o impasse em compreender o converso sem ascendência judaica: ele também poderia ser chamado de “judeu”?

Em tese, a identidade judaica tradicional requer o nascimento de mãe judia. Esta diretriz matrilinear visava salvaguardar o povo na Antiguidade e ao longo da História. Frequentemente, em meio a invasões e derrotas militares, mulheres e crianças eram poupadas, embora povos mais radicais não deixassem vestígios, eliminando, inclusive, até os despojos.

A história judaica é repleta desses eventos. A conquista do Reino do Norte¹ pelo Império Neoassírio, em 722 a.E.C. (Eban, 1975, p. 44), foi drástica. É dessa conquista que surge o que muitos consideram um “mistério bíblico”: o destino das dez tribos de Israel que formavam este Reino. Tal indagação, embora tratada por alguns como mito², deu origem ao estigma que acompanharia os samaritanos (visto que Samaria era a capital do Reino do Norte³). Esse contexto é resgatado no Novo Testamento, na passagem em que Jesus conversa com uma mulher samaritana junto ao poço⁴ ou mesmo na parábola do Bom Samaritano⁵.

Em contraste, a conquista do Reino do Sul (formado de duas tribos: Benjamim e Judá) pelos babilônios, em 586 a.E.C. (Eban, 1975, p. 47), permitiu posterior tolerância, culminando no retorno dos exilados e na reconstrução do Templo, conforme narrado por Esdras e Neemias. O termo “judeu” surge justamente a partir do Reino do Sul, por causa da Tribo de Judá que era maior, mais influente e mais populosa que a tribo de Benjamim.

¹ A divisão de reino do norte e reino do sul ocorreu por ocasião da morte do Rei Salomão (por volta de 930 a.E.C.). Dez tribos acompanharam Jeroboão I, formando o reino do Norte, cuja capital era Samaria. Somente duas tribos (Benjamim e Judá) seguiram o outro descendente do Rei Salomão, Roboão.

² <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/enigmas-biblia-religiao-judaismo-cristianismo-hebreus-tribos-perdidas-historia.phtml>.

³ 1Reis 16, 24.

⁴ João 4.

⁵ Lucas 10, 25-37



3 Matrilinearidade⁶

O livro bíblico de Provérbios, em sua primeira seção (capítulos 1 a 9), desenvolve uma série de conselhos que visam orientar o filho nos caminhos agradáveis a Yahweh, o Deus de Israel. Tais instruções seguem padrões da sabedoria egípcia e de textos acádicos de Ugarit reproduzindo o mesmo protótipo literário admoestativo. O núcleo desse bloco, centralizado no capítulo 5, traz um elogio à “mulher do povo” (a mulher judia, por assim dizer) em contraste com a “mulher estrangeira”⁷, ressaltando o seu valor. Ela é comparada a um poço que jorra água, capaz de prover todos os prazeres ao filho, que escuta atento às instruções.

¹⁵Beba a água de tua cisterna e o que escorre do meio de teu poço.

טו שְׁתֵּה-מִמֵּם מְבוֹרָךְ; וְנָזְלִים, מִתּוֹךְ בְּאֵרָךְ.

¹⁶Transbordarão os teus mananciais; nas ruas (transbordarão) riachos de água

טז יִפּוּצוּ מִעֵינֹתֶיךָ חוּצָה; בְּרִחְבוֹת, פְּלִגֵּי-מֵיִם.

¹⁷serão para ti, para ti somente e não para os estrangeiros que estão contigo.

יז יִהְיוּ-לָךְ לְבִדְךָ; וְאֵין לְזָרִים אֹתָךְ.

¹⁸Seja tua fonte abençoada e alegre-se com a mulher de tua juventude,

יח יִהְיֶה-מְקוֹרְךָ בְּרוּךְ; וְשִׂמְחָה, מֵאִשָּׁת נְעוּרָךְ.

¹⁹gazela de amores e corça de graça; seus seios saciar-te-ão a todo momento. Em seu amor te entregará sempre.

יט אֵילַת אֲהָבִים, וְנִעְלַת-חַן: דִּדִּיקָה, יִרְנֶה בְּכָל-עֵת; בְּאַהֲבָתָהּ, תִּשְׂגָּה תָמִיד.

²⁰E por que te entregarias, meu filho, à estrangeira e abraçarias o regaço da estranha?

כ וְלָמָּה תִּשְׂגָּה בְּנִי בְזָרָה; וּתְחַבֵּק, חֶק נְכָרִיָּה.

²¹Pois diante dos teus olhos está D’us . Os caminhos do homem e todas as suas rotas está medindo.

כא כִּי נֹכַח, עֵינֵי יְהוָה--דֹּרְכֵי-אִישׁ; וְכָל-מַעַגְלָתוֹ מִפֶּלֶס.

²²Seus pecados unem-se ao mal e com as ciladas do seu pecado sustentará.

כב עֲוֹנוֹתָיו--יִלְכְּדוּ אֶת-הָרָשָׁע; וּבְחֻבְלֵי חֲטָאוֹ, יִתְמָךְ.

Ele morrerá em não havendo moral e na abundância de sua tolice se entregará.

כג הוּא--יָמוּת, בְּאֵין מוֹסֵר; וּבְרֵב אֹלָתוֹ יִשְׂגָּה.

(Provérbios 5, 15-20 – Tradução nossa)

⁶ Vale ressaltar que o termo matrilinearidade não se confunde com matriarcado. Enquanto aquele designa a transmissão da descendência e herança, este dita o poder político e social. Ainda existe o conceito de matrilocalidade que identifica o local – a casa da família da mulher – onde o casal, após unir-se em casamento, vai morar.

⁷ O que traduzimos como mulher estrangeira designa uma mulher de outra etnia, o que consistiria em grande perigo para a fé javista, pelo risco da apostasia.



Esta visão é pós-exílica e costuma-se datar o bloco supracitado no século V a.E.C. (Bíblia de Jerusalém, p. 1022). Nota-se que é uma época próxima aos textos de Esdras e Neemias que tratam também do período posterior ao exílio e da reconstrução do Segundo Templo.

Como líderes desse processo, eles exortam a comunidade a afastar-se das mulheres estrangeiras (de outras etnias). Tal orientação não é de todo estranha à história do povo judeu, manifestando-se especialmente em momentos de resgate identitário⁸, sendo mais enfática nesse período após o retorno do exílio. As recomendações nesse sentido justificavam-se pelo temor de que as mulheres estrangeiras pudessem retornar aos seus deuses e, conseqüentemente, corromper a fé dos filhos⁹. Antes do exílio, como ressalta Schlesinger (2011), a ideia de conversão ao judaísmo estava ligada à união a um povo, assemelhando-se a um processo de naturalização.

Muito tempo depois, o Iluminismo Judaico lançaria um novo olhar sobre o significado do ser judeu. Conhecido como *Haskalah*¹⁰, esse movimento promoveu mudanças profundas e fundamentou o que mais tarde seria definido como “judeidade”. A partir de então, ser judeu não exigia necessariamente uma associação estrita com a religiosidade:

A avidez com que os judeus responderam às ideias do iluminismo europeu no século XVIII foi tão intensa que provocou dentro do judaísmo uma excitação tão profunda e de longo alcance quanto foram os efeitos da Revolução Francesa no mundo. O judeu, vítima durante séculos das sociedades dominadas pela Igreja, tornava-se agora, para filósofos racionalistas, o símbolo de tudo que havia sido retrógrado e supersticioso naquelas sociedades. Esposar a causa da emancipação judaica era o radical chique daqueles dias, um golpe na cristandade organizada e em seu clero reacionário, considerados responsáveis por muitos malefícios do *ancien régime* (Goldberg; Rayner, 1989, p. 153-154).

⁸ É possível ver restrições após a saída do Egito, como ocorre em Números 31, 15-18 ou Deuteronômio 7, 3-4.

⁹ בני ישראל (*b'nei Israel*) - Observe-se a preocupação no comprometimento da fé javista na tolerância à ligação étnica com os povos circunvizinhos. Ver: Êxodo 34, 15-16; Números 25, 1-9; 1Reis, 16-22.

¹⁰ השכלה. (*Haskalah*) A palavra vem do hebraico bíblico e significa literalmente “intelecto”, “sabedoria” ou “iluminismo”. Historicamente, o termo passou a designar o movimento intelectual e cultural que ficou conhecido como o Iluminismo Judaico, ocorrido entre os séculos XVIII e XIX. Sua raiz é formada pela tríade שכל (*skhl*) que designa inteligência ou razão; É dessa mesma raiz o termo משכיל (*mashkhal*), segundo Berezin (2003), “intelectual, culto, erudito, sábio; denominação aos discípulos seguidores de Moisés mendelsohn, que difundiram o iluminismo ou a Ilustração Judaica, a Haskhalá; título que vem no início dos salmos indicando um conteúdo didático”.



O projeto intelectual e político da época entendia o judeu como protótipo do cidadão universal¹¹, cuja libertação das correntes do dogma religioso simbolizava o próprio triunfo da Razão. Ao despojar-se das marcas da segregação medieval, ele deixava de ser o 'outro' teológico¹² para se transformar no sujeito de direitos¹³ do Estado moderno, personificando a transição da tradição obscurantista para a modernidade secular. Essa mudança seria representada na integração do judeu à sociedade europeia, através do incentivo ao uso das línguas locais, inclusão na educação secular e busca por novas profissões¹⁴.

Todas essas reflexões demonstram que o tema é complexo e multifacetado. Há uma necessidade histórica de delinear quem exatamente é o judeu e a religião desponta como o ponto nevrálgico dessa discussão. De uma forma ou de outra, o fator religioso permanece como partícipe desse imbróglio, tendo a Bíblia como elemento fundante.

Assim, judeus, israelitas, hebreus, judaenses e outros termos, embora distintos em suas nuances, designam a mesma essência. Suas (in)definições tentam distinguir grupos por momentos históricos ou níveis de religiosidade, mas os conceitos frequentemente se sobrepõem.

¹¹ É o conceito central da Revolução Francesa e de pensadores como Jean-Jacques Rousseau e Immanuel Kant: o homem deve ser definido por sua humanidade e razão, não por sua religião. Não é para menos que, no Iluminismo, a emancipação dos judeus foi frequentemente usada como rigorosa prova para o racionalismo. Assim, se a sociedade pudesse integrar o judeu (historicamente o mais excluído), então o racionalismo teria vencido.

¹² A ideia do “outro” teológico é desenvolvida tanto por Yerushalmi (1992), que defendia a tese de que o judeu era um anacronismo teológico, concretizado no próprio termo “Antigo Testamento”. Ou seja, ele era necessário para justificar e testemunhar a vitória do cristianismo. Novinsky (2007) defendeu a ideia de que o judeu, mesmo convertido, continuava sendo o “outro” para a inquisição, ele continuava sendo o judeu, não mais de fé, mas de sangue, construção inquisitorial necessária para justificar o controle social. Cohen (1982) também trata do tema com o conceito de “judeu hermenêutico”, o judeu das Escrituras, necessário para a existência do catolicismo.

¹³ Stanislas Marie Adélaïde, Conde de Clermont-Tonnerre (1747–1792), que foi presidente da Assembleia Nacional Francesa em 1789 em um curtíssimo período, embora fosse contrário à existência de uma nação judaica na França, discursou a favor dos direitos civis dos judeus, deixando para a história sua célebre frase: “*Aos judeus como nação, nada; aos judeus como indivíduos, tudo*”.

¹⁴ Infelizmente, o que se evidenciou foi a mudança de parâmetro para entendimento do “outro”. Se não mais baseado na religião, fatores como cultura e raça justificariam o antissemitismo a partir do século XIX.



4 Israelita/judeu/judaico

Sand (2011, p. 75) apresenta essa questão ao identificar o termo “israelita” como uma opção adotada historicamente em solo alemão para evitar o vocábulo “judeu”, carregado de conotações negativas naquele contexto.

Em alemão, o termo direto para judeu é *Jude* (masculino) e *Jüdin* (feminino). A substituição histórica por outras nomenclaturas é compreendida pela forma como o regime nazista instrumentalizou a palavra de modo pejorativo, discriminatório e segregador. A partir de 1941, a Alemanha decretou que todo judeu acima de seis anos deveria ser identificado pelo uso de uma estrela de seis pontas (estrela de Davi) amarela, com a inscrição *Jude* (grafada em uma tipografia que simulava o alfabeto hebraico para acentuar o estigma), que deveria ser costurada no peito e nas costas.

Depois do holocausto, e algumas décadas mais tarde, para não associar ao decreto que marcou de forma negativa a Alemanha, evita-se o substantivo isolado em contextos formais. Em razão disso, o uso deste termo ficou restrito a sintagmas como *Menschen jüdischen Glaubens* (pessoas de fé judaica) ou *jüdische Mitbürger* (concidadãos judeus).

Como alternativa acadêmica e histórica, na época, o alemão passou a utilizar o substantivo *Israelit* (masculino) ou *Israelitin* (feminino). Geralmente, esses termos traduzem o sintagma bíblico “Filhos de Israel”¹⁵, sendo empregados prioritariamente em contextos históricos e religiosos. Já para designar o cidadão moderno do Estado de Israel, a língua alemã utiliza *Israeli* (masculino) ou *Israelin* (feminino). Vale notar, contudo, que o uso do substantivo *Jude* tem sido reafirmado pelas próprias comunidades judaicas como um gesto de orgulho e afirmação identitária¹⁶.

No hebraico, o termo usado para designar o cidadão de Israel é *yisra'eli/yisra'elit*¹⁷. Foneticamente, esta forma se aproxima do vocábulo “israelita” usado no português do Brasil que, no entanto, não mantém essa associação pátria ou gentílica como na língua hebraica, sendo ainda classificado como adjetivo. Os sintagmas “hospital israelita” ou “colégio israelita” podem

¹⁵ בני ישראל (*b'nei Israel*)

¹⁶ A comunidade judaica alemã, a partir dos anos 2000, passou a criticar essa prática, afirmando que seria um eufemismo tratar a palavra *Jude* como se ainda fosse um tabu ou um insulto, além de *jüdische Mitbürger* soar paternalista e *Menschen jüdischen Glaubens* reduzir a identidade judaica apenas à dimensão religiosa

¹⁷ ישראלי/ישראלית (*Israeli/israelita*) nas formas do masculino singular e feminino singular.



ser cotejados com “hospital evangélico” ou “colégio católico”, mantendo a mesma relação semântica.

Há uma preferência pelo adjetivo “israelita” para denominar organizações ou empresas, mas o uso de “judaico” não é descartado. Na reportagem do jornal on-line *Diário do Rio*, de 08 de agosto de 2023, sobre o fechamento da unidade do Colégio Israelita Brasileiro Avraham Liessin, na Barra da Tijuca, a instituição é chamada sistematicamente de “Colégio Judaico Liessin”; em momento algum da reportagem o termo “israelita” aparece¹⁸, embora o nome oficial da instituição o utilize.

Fala-se em “comunidade judaica”, “valores judaicos” e “estudos judaicos” para estes casos e não se usa o termo “israelita” como elemento de coesão. O termo “judaico” também não figura como adjetivo pátrio em português. Já o termo “israelita” surge, originalmente, como tradução do sintagma “Filhos de Israel”, como no alemão. A tradução Almeida da Bíblia revista e atualizada verte 608 vezes este sintagma hebraico por “israelita”, relacionando-o diretamente aos descendentes de Jacó e à coletividade das doze tribos. A *Bíblia de Jerusalém* mantém a tradução literal “filhos de Israel” no que diz respeito à genealogia, usando israelitas quando o objetivo é falar da comunidade política ou religiosa.

O sufixo **-ita** é de origem grega e de uso comum na designação de povos bíblicos e orientais. O emprego deste sufixo como adjetivo pátrio é encontrado em algumas designações de origem, como vietnamita (do Vietnam), iemenita (do Iêmen), saudita (da Arábia Saudita), malavita (de Malawi¹⁹). Na Bíblia são vários os exemplos que indicam origem, como moabita (de Moabe), levita (de Levi)²⁰, amalequita (de Amaleque), gibeonita (de Gibeão), amonita (de Amon), canaanita (de Canaã)²¹. Embora modernamente adjective os originários de algumas poucas nações, como vimos acima, o uso deste sufixo se destaca como etnonímico, indicando nomes de tribos, cidades ou grupos específicos²².

¹⁸ <https://diariodorio.com/maior-escola-judaica-do-brasil-liessin-fecha-as-portas-na-barra-da-tijuca>.

Acesso em: 11 ago. 2024

¹⁹ País da África Oriental.

²⁰ Assim também os descendentes das demais tribos: rubenita, simeonita, judaíta, danita, naftalita, gadita, aserita, issacarita, zebulonita, efraimita, massita e benjamita.

²¹ Também se usa cananeu.

²² Cabe aqui uma distinção entre pátrio e gentílico, embora hodiernamente os dois sejam usados como sinônimos em muitas ocasiões. A distinção entre os dois se destaca em contextos históricos ou antropológicos. Não é incomum ver autores chamando de adjetivos pátrios, aqueles que designam origem geográfica, como país, estado ou cidade. Por outro lado, ao se referirem a etnias e povos



Já o sufixo **-aico** também tem origem grega (**-aikós**), mas chega ao português via latim. Ele designa adjetivos que indicam natureza, relação, origem ou semelhança. Há uma diferença sutil no uso de “israelita” e “judaico”, nem sempre fácil de distinguir. O adjetivo “judaico” resgata as relações com o judaísmo (religião e cultura), daí não se falar em “museu israelita”, mas em “museu judaico”. Da mesma forma, usa-se “comunidade judaica” e “festa judaica”, entre outros.

O nome de escolas se destaca pelo uso comum de “israelita”. Primeiramente precisamos considerar que essa opção ressalta uma visão aberta da instituição à sociedade, valorizando a cultura judaica sem, necessariamente, adotar um rótulo estritamente religioso. Outro motivo é histórico: no início do século XX, quando muitas dessas escolas surgiram, o termo “israelita” gozava de maior formalidade e aceitação social no Brasil²³.

5 Israelense/hebreu/judeu

Para identificação do cidadão do estado de Israel, o português do Brasil usa o termo “israelense”. O sufixo **-ense** é de origem latina (**-ensis**), sendo preferido na designação de lugar de origem ou pertencimento, transformando o substantivo (nome do lugar) em adjetivo.²⁴

O termo hebreu traz o sufixo **-eu** como identificador de origem. É muito comum na tradução bíblica, embora, no hebraico, acompanhe o mesmo padrão de identificação de nacionalidade, com a terminação **-y/-yt**. Acompanham estas formas outros gentílicos bíblicos como amorreu (de Amurru), filisteu (da Filistia), galileu (da Galileia) e idumeu (de Edom), entre outros.

O processo de helenização do texto bíblico, concretizado na Septuaginta, adapta o adjetivo gentílico com o uso das terminações **-aios** ou **-ites**, comuns para estes casos no grego²⁵. A tradução para o português acompanha a forma latinizada (**-aeus**).

(indígenas, brancos ou negros, por exemplo) eles chamam de gentílicos. Mas, mesmo assim, essa distinção não é precisa nem tão clara. Cabe salientar, no entanto, algumas denominações que são padronizadas, como é o caso de alemão e germânico: o primeiro termo indica nacionalidade alemã. O segundo é usado para indicar a etnia. Assim, nem toda pessoa alemã é de etnia germânica.

²³ Mas vale destacar que o português europeu tem preferência pelo uso do adjetivo “israelita”, inclusive para designação do cidadão que nasce em Israel.

²⁴ No português do Brasil, além do sufixo **-ense**, também é comum o uso de **-ês** e **-ano** na identificação deste tipo de adjetivo.

²⁵ Sem esquecer que a mudança nas formas ocorre pelo uso nas declinações.



Hebraico (Sing. Masc.)	Grego (Septuaginta)	Latim (Vulgata)	Português
עִבְרִי (<i>ʿIvri</i>)	Ἑβραῖος (<i>Hebraios</i>)	Hebraeus	Hebreu
יְהוּדִי (<i>Yehudi</i>)	Ἰουδαῖος (<i>Ioudaios</i>)	Iudaeus	Judeu
מִצְרִי (<i>Mitzri</i>)	Αἰγύπτιος (<i>Aigyptios</i>)	Aegyptius	Egípcio
כַּשְׁדִּי (<i>Kasdi</i>)	Χαλδαῖος (<i>Chaldaios</i>)	Chaldaeus	Caldeu
אַשּׁוּרִי (<i>Ashuri</i>)	Ἀσσύριος (<i>Assyrios</i>)	Assyrius	Assírio
אֶדְוִמִּי (<i>Edomi</i>)	Ἰδουμαῖος (<i>Idoumaios</i>)	Idumaeus	Idumeu
כְּנַעֲנִי (<i>Kena'anî</i>)	Κανανίτης (<i>Kananites</i>)	Cananaeus	Cananeu
פְּלִשְׁתִּי (<i>Plishti</i>)	Φιλιστιεῖμ (<i>Philistieim</i>)	Philisthiim/Philistaeus	Filisteu

Da lista acima, observa-se que a forma “Filisteu”, no grego, é mais próxima ao hebraico e destoa nas adaptações em comparação com os outros gentílicos. “Filisteu” acompanha a forma plural do hebraico e, de fato, segue um padrão à parte nesta tabela, mas não incomum no grego, já que a Septuaginta também tinha por costume tratar as palavras como nomes próprios em alguns casos, sendo assim indeclinável. Neste exemplo específico, o grego faz a distinção entre o povo de origem (filisteus) e a possibilidade de tradução como “estrangeiros” ou “outras nações”, a partir da significação da raiz hebraica como migrar ou invadir²⁶.

Podemos observar também que dois termos se destacam para designar o mesmo grupo étnico: hebreu e judeu. A primeira forma tem origem em *Habiru* e aparece em escritos antigos sumérios, egípcios, ugaríticos, hititas, entendido por historiadores e arqueólogos como a ontogênese de grupos como cananeus e judeus, significando escravos, servos fugitivos, nômades, rebeldes ou trabalhadores migrantes (West, 1979, p. 102). Na Bíblia, sua primeira aparição está em Gênesis 14.13²⁷, junto com o nome Abraão, indicando-lhe como hebreu.

”וַיְבֹא, הַפְּלִיט, וַיִּגַּד, לְאַבְרָם הָעִבְרִי; וְהוּא שָׁכַן בְּאֶרֶץ מִצְרַיִם מִמֶּרָא הָאֲמִרִי, אָחִי אֲשָׁכַל וְאָחִי עֶנְר, וְהֵם, בְּעָלֵי כְרִית־אֲבָרִם.

²⁶ No caso, a raiz פלש (Palash). Na gramática de Conybeare & Stock, observa-se que nos livros de Juízes e Reis, há uma preferência da Septuaginta pela tradução de Filisteus por ἀλλόφυλοι (*allophyloi*), quando se entende que a melhor tradução não é pelo nome do povo, mas por “estrangeiro”. No Pentateuco, em especial a Bíblia grega prefere a transliteração.

²⁷ עִבְרִי (*ivri*)



¹³Um sobrevivente veio informar Abrão, o hebreu, que habitava no Carvalho do amorreu Mambré, irmão de Escol e de Aner; eles eram os aliados de Abrão. (Bíblia Hebraica e Bíblia de Jerusalém. Gênesis 14, 13)

O sintagma traduzido como “Abrão, o hebreu” apresenta o termo “hebreu” adjetivando o nome próprio do patriarca. Isto é perceptível pelo uso do artigo definido que, em hebraico, é um prefixo. Geralmente, substantivo e adjetivo aparecem prefixados com o artigo. Aqui, isto não acontece, porque Abrão é um nome próprio e dispensa o uso deste elemento, já que se entende que um nome próprio já é definido por natureza.

No livro que nomeia, em 24.2-3, Josué apresenta seu discurso para as tribos de Israel e o termo *ivri* (hebreu) volta a ocorrer em dois momentos. Neste caso, ele vem acompanhado de preposições também prefixais com indicativo de lugar. Primeiramente “em” e na segunda vez com “de” (indicando origem).

²(...)Assim diz Yahweh, o Deus de Israel: Além do Rio habitavam outrora os vossos pais, Taré, pai de Abraão e de Nacor, e serviam a outros deuses. ³Eu, porém, tomei vosso pai Abraão do outro lado do Rio e o fiz percorrer toda a terra de Canaã, multipliquei a sua descendência e lhe dei Isaac. (Bíblia de Jerusalém)

² וַיֹּאמֶר יְהוָה אֶל-כָּל-הָעָם, כֹּה-אָמַר יְהוָה אֱלֹהֵי יִשְׂרָאֵל, בְּעֵבֶר הַנָּהָר יָשְׁבוּ אֲבוֹתֵיכֶם מֵעוֹלָם, תָּרַח אָבִי אֲבִרְהָם וְנָחֹר; וַיַּעֲבֹדוּ, אֱלֹהִים אֲחֵרִים. ³ וָאֲנִי אֶת-אֲבִיכֶם אֶת-אַבְרָהָם, מֵעֵבֶר הַנָּהָר, וָאֵלֶּךְ אֹתוֹ, בְּכָל-אֶרֶץ כְּנָעַן; וָאֲרַב וָאַרְבֶּה, אֶת-יִרְעוֹ, וָאֶתֵּן-לוֹ, אֶת-יִצְחָק.²⁸
(marcações nossas)

No texto hebraico correspondente à tradução da *Bíblia da Jerusalém*, estão marcadas as duas expressões que apontam para as origens do termo *habiru*, como além do rio e similares a raiz usada na palavra para adjetivar Abrão como “o hebreu”, no texto que vimos acima. Há ainda uma corrente que entende o termo a partir no nome Éber, tetraneto de Noé, descendente de seu filho Sem, como narra Gênesis 10. 24. Seu nome corresponde à raiz do termo hebreu e, sobre este personagem, existem algumas lendas judaicas que o relacionam à língua hebraica e estão narradas no Talmud e em *midrashim agádicos* (comentários exegéticos)²⁹.

²⁸ <https://mechon-mamre.org/i/t/t0624.htm>

²⁹ Talmud Bavli, Maguilah 7a, 5: <https://www.sefaria.org/Megillah.17a.5?lang=bi>; Bereshit Rabbah 37, 7: https://www.sefaria.org/Bereshit_Rabbah.37.7?lang=bi; Bereshit Rabbah 38, 6: https://www.sefaria.org/Bereshit_Rabbah.38.6?lang=bi.



A tradição que persegue o termo a partir do cotejamento dos documentos antigos e sua origem em *habiru* embasa a denominação de hebreu ao grupo que surge a partir de Abraão, até a divisão dos reinos (940-586 AEC).

Segundo a História tradicional, os judeus (*judaei*) são os homens de Judá; e Judá era um dos filhos de Israel, ou Jacó, este filho de Isac, por sua vez filho de Abraão. Abraão provinha de uma família que vivia “do outro lado do rio”, expressão que em hebraico é *eber la-hanahar*; e da palavra *eber* deriva-se, segundo a tradição, o nome dado aos judeus: o de *hebreus*. (Roth, 1964, p. 14).

Das doze tribos de Israel, dez compunham o Reino do Norte e somente duas o Reino do Sul (Judá e Benjamim). No livro de 2Reis 16.6, há a primeira menção ao termo judeu, como habitante do Reino de Judá, por extensão.

Vale ainda acrescentar que o feminino para a forma *ivri* (hebreu) não aparece na Bíblia hebraica. Para fazer referência à língua hebraica, que seria uma forma feminina nesta língua, o texto bíblico não usa *ivrit* (עִבְרִית) e sim *yehudit* (יְהוּדִית) que poderia ser literalmente traduzida como “língua judaica”:

¹⁰ וַיֹּאמֶר אֶלְיָקִים בֶּן-חֶלְקִיָּהוּ וְשִׁבְנָה וַיֹּאחַז אֶל-רַב־שָׁקָה, דָּבָר-נָא אֶל-עֲבָדֶיךָ אֲרָמִית--כִּי שְׁמַעִים כִּי שְׁמַעִים, אֲנַחְנוּ; וְאֶל-תַּדְבָּר עִמָּנוּ, יְהוּדִית, בְּאֲזְנֵי הָעָם, אֲשֶׁר עַל-הַחֹמֶה. (...) ¹¹ וַיַּעֲמֵד, רַב־שָׁקָה, וַיִּקְרָא בְּקוֹל-גָּדוֹל, יְהוּדִית; וַיִּדְבֹּר וַיֹּאמֶר, שְׁמָעוּ דְּבַר-הַמֶּלֶךְ הַגָּדוֹל מֶלֶךְ אַשּׁוּר

²⁶E disse Eliaquim, filho de Elquias e Shebnah e Joach para o copeiro: Fale, por favor, agora para teus servos (língua) aramaica, porque ouvimos. E não fale conosco em (língua) judaica. Aos ouvidos do povo, que está sobre a muralha (...) ²⁸E parou em pé o copeiro, e anunciou em voz alta (em língua) judaica e disse: “Ouçam a palavra do grande rei da Assíria.” (2Reis 18:26 e 28. Tradução nossa)

¹² וַיֹּאמֶר אֶלְיָקִים וְשִׁבְנָה וַיֹּאחַז אֶל-רַב־שָׁקָה, דָּבָר-נָא אֶל-עֲבָדֶיךָ אֲרָמִית--כִּי שְׁמַעִים, אֲנַחְנוּ; וְאֶל-תַּדְבָּר אֵלֵינוּ, יְהוּדִית, בְּאֲזְנֵי הָעָם, אֲשֶׁר עַל-הַחֹמֶה (...) ¹³ וַיַּעֲמֵד, רַב־שָׁקָה, וַיִּקְרָא בְּקוֹל-גָּדוֹל, יְהוּדִית; וַיֹּאמֶר--שְׁמָעוּ אֶת-דְּבָרֵי הַמֶּלֶךְ הַגָּדוֹל, מֶלֶךְ אַשּׁוּר

¹¹Então Eliaquim, Sebnah e Joach disseram ao copeiro: "Fale, por favor, em (língua) aramaica aos teus servos, porque nós ouvimos; e não nos fales em (língua) judaica aos ouvidos do povo que está sobre a muralha. (...) ¹³E parou em pé o copeiro e anunciou em voz alta, em (língua) judaica: “Ouçam as palavras do grande rei, Rei da Assíria.” (Isaías 36:11 e 13. Tradução nossa)

¹² וַיַּבְנִי־הֶם, חֲצֵי מִדְבָּר אֲשֶׁר-דִּוְדִית, וְאִינָם מְכִירִים, לְדָבָר יְהוּדִית--וְכָל־שׁוֹן, עִם וְעִם



²⁴E os seus filhos, metade falava (língua) Ashdoda e eles não sabiam falar (língua) judaica e, conforme a língua de um ou outro povo. (Neemias 13:24. Tradução nossa)

O texto de 2Reis e Isaías se equiparam, porque falam de um mesmo evento, embora em livros bíblicos diferentes. O que chama a atenção é a forma como se referem à língua. Para a identificação de Abrão, vê-se que a raiz usada é *eber*, de hebreu. Neste caso, porém, quando fazem menção à língua, a raiz é *yehud*³⁰.

Outros casos nos ajudam a pensar mais apuradamente esta situação, como acontece em Êxodo:

^ט וַיֹּאמֶר מֶלֶךְ מִצְרַיִם, לַמְּלִכֹת הָעִבְרִית, אֲשֶׁר שֵׁם הָאִשָּׁת שְׁפִרָּה, וְשֵׁם הַשְּׁנִית פּוּעָה.

E disse o rei do Egito para as parteiras hebreias, cujo nome de uma era Shifrah e da segunda Pu'ah [...] (Êxodo 1, 15. Tradução nossa).

^ט וַתֹּאמְרֶנּוּ הַמְּלִכֹת אֶל־פַּרְעֹה, כִּי לֹא כַנָּשִׁים הַמִּצְרִית הָעִבְרִית: כִּי־חַיֹּת הָנָה, בְּטַרְם תְּבוֹא אֶלֶהֶן הַמְּלִכֹת וַיִּלְדוּ.

E disseram-lhe elas, as parteiras para Faraó: Porque não são como as mulheres egípcias as hebreias. Porque elas são cheias de vida, (então) antes que chegue para elas a parteira, dão à luz. (Êxodo 1, 19. Tradução nossa).

^י וַתֹּאמֶר אֲחֹתִי, אֶל־בֶּת־פַּרְעֹה, הֲאֵלֶךְ וְקִרְאתִי לָךְ אִשָּׁה מִיִּנְקָת, מִן הָעִבְרִית; וְתִינֶנּוּ לָךְ, אֶת־הַיֶּלֶד.

E disse sua irmã, para a filha de Faraó: Irei e chamarei para ti uma mulher ama-de-leite das hebreias, e dará leite para ele, para o menino. (Êxodo 2, 7. Tradução nossa)

O adjetivo que acompanha o substantivo “parteiras”, logo no primeiro texto, segue a raiz de *eber*, na forma feminina plural. E um detalhe também se destaca, porque seu plural tanto pode derivar da forma singular *ivriyah* (עִבְרִיָּה) quanto *ivrit* (עִבְרִית). É possível que se argumente que a opção é da versão massorética e que, sem os sinais, podemos identificar a forma *ivrit*. Há um erro sensível neste argumento, porque o substantivo que acompanha este adjetivo está no plural e no hebraico há concordância de gênero e número entre substantivo e adjetivo, tornando esta possibilidade sem validação no caso. Observemos ainda o quadro:

³⁰ Só por curiosidade, além da forma *yehudit*, a língua Hebraica é também chamada de *shphat khnaan* (שְׁפַת כְּנַעַן sfat khnaan – língua de Canaã), como se vê em Isaías 19, 18.



Adjetivo plural	Adjetivo singular	
עבריים	עברי	Masculino
עבריות/עברית	עברית	Feminino 1
עברות/עברית	עבריה	Feminino 2

A forma feminina 2 do adjetivo, conforme o quadro acima, é menos comum no texto bíblico, mas podemos encontrá-la em dois momentos, pelo menos:

¹² כִּי־יִמְכַר לְךָ אֶחִידָה עֶבְרִי, אוּ הָעֶבְרִיָּה--וְעֶבְדָּה, שָׁשׁ שָׁנִים; וּבִשְׁנָה, הַשְּׁבִיעִת, תִּשְׁלַחְנָהּ חֶפְשִׁי תִשְׁלַחְנָהּ חֶפְשִׁי, מֵעֶמֶד .

Pois será vendido para ti, seu irmão hebreu ou hebreia (como) teu servo (será por) seis anos, e no sétimo ano nos enviará (ele) livre de ti. (Deuteronômio 15, 12. Tradução nossa).

¹³ לְשַׁלַּח אִישׁ אֶת־עַבְדּוֹ וְאִישׁ אֶת־שִׁפְתּוֹ, הָעֶבְרִי וְהָעֶבְרִיָּה--חֶפְשִׁים: לְבִלְתִּי עֲבָד־כֶּם בִּיהוּדִי אַחִיהוּ, אִישׁ.

Para que o homem envie seu servo e o homem (envie) sua serva, o hebreu e a hebreia livres, a fim de que não faça deles escravo, de judeu irmão deles (Jeremias 34, 9. Tradução nossa).

Se analisamos os gentílicos femininos no singular (conforme o quadro abaixo), percebemos que são mais comuns as terminações em *-it* que em *-iah*. A forma da palavra hebreia ou hebraica, derivada da raiz *eber*, terminada em *-it* é inexistente no texto bíblico, do que podemos concluir que o vocábulo *ivrit* ganhou popularidade no hebraico moderno.

Texto	Forma hebraica	Tradução/origem
Rute 2,2	מוֹאבִּיָּה	Moabita (de Moabe)
2Reis 4, 12 e 25	שֻׁנַּמִּית	Sunamita (de Sunam)
2Samuel 14, 9	תֶּקוּעִית	Tecoíta (de Tecoá)
Gênesis 16, 1 e 3	מִצְרִית	Egípcia (do Egito)
2Reis 14, 21 e 31	עֲמֹנִית	Amonita (de Amon)
1Crônicas 7, 14	אַרְמֵיָה	Arameia (de Aram)
Números 12, 1	כּוּשִׁית	Cushita (de Cushe - Etiópia)



Outra questão a se observar é que, no texto bíblico, é bem mais comum o uso do adjetivo gentílico feminino no plural e também como sintagma (filhas de ou mulheres de), sendo menos usado na forma singular, como adjetivo, para identificar uma pessoa. Além disso, no que diz respeito à diferença entre o uso de *ivryah* e *yehudit*, podemos perceber que o primeiro vocábulo é usado para adjetivar pessoas, enquanto o segundo descreve a língua do povo.

6 Judaense

No português também encontramos a forma “judaense” que é explicada por Lima (2013):

O termo Judeia (grafado em português), provém do latim *Iudaea* (que pertence aos *Iudaeus* - i.e. dos “judeus” - *Iudaei*). A palavra latina *Iúda* (Judá), deriva do grego *Ioúdas* (Judas) e a “terra de Judá” era chamada, também em grego, de *Ioudaía*. Logo, provavelmente, os termos gregos foram latinizados pelos escritores romanos a posteriori. Sabendo disso, se retermos agora a citação do texto dos israelitas em português, identificamos a expressão: “terra de *Yehudah*” (*eretz yehudah*, em hebraico). No livro de Gênesis 26: 34 temos a seguinte personagem: *Yehudit bat-Be'eri haChiti*. Ela foi uma das esposas de Esav (ou Edom - de “pelos vermelhos”). Antes mesmo de *Yehudah* aparecer como um dos filhos de Yaakov, essa enigmática personagem feminina é destacada. A palavra *yehudit*, pode significar “de Judá” ou “judaense”. Nome bem curioso para se dar a uma moça (Lima, 2013, p. 81-82).

No que diz respeito ao termo “judaense”, podemos perceber que ele é menos usado, ocorrendo mais em textos acadêmicos, de natureza mais técnica. O nome deriva de Judá (יהודה) e, embora possa designar aquele que é originário da tribo de Judá, ou do Reino do Sul, ele é mais associado ao período pós exílico, a partir do domínio persa, tendo como referência a criação da província da Judeia. Nos livros de Daniel, Esdras e Neemias³¹, ele surge como *Yehud* (יהוד) e é com o helenismo que se desenvolve a forma Judeia (Ἰουδαία)³².

Mesmo sendo possível o uso de “judaense” de maneira mais ampla, a diferença entre “judaíta” e “judaense” se ressaltava no uso do sufixo. Como já vimos, a terminação **-ita** é preferencialmente usado como etnonímico, enquanto a terminação **-ense** como pátrio. O termo “judaense” designa melhor o momento histórico pós-exílico da divisão em províncias na região.

³¹ Esdras 5:8 (*yehudym*); Daniel 2:25 (*yehud*) e 5:13 (*yehud*) e Neemias 11:3 (*‘arei yehudáh*)

³² 1Macabeus 3,34; 4, 35; 5,8; 10, 30; 2Mac 1,1; 11,5; 13,1; Judite 4,1; 8, 21; Tobias 1,18; Eclesiástico 50, 1; Baruc 1,15.



Lima (2013) destaca ainda em seu texto o nome próprio feminino encontrado em Gênesis 26, 34³³, ao falar de uma das esposas de Esaú. Judite (Yehudit) era seu nome, filha de um homem hitita. Seu estranhamento acontece pelo nome ser citado antes mesmo de o filho de Jacó – Judá – ter nascido, o que pode sugerir uma origem diferenciada do nome ou outra hipótese.

7 Judaíta/Pan-israelita

A opção no português pelo vocábulo “judaíta”, que seria um etnonímico para designação de uma tribo, é usado com menor frequência no português. Na tradução do livro de Schama (2015, p. 30), lemos: “o registro cotidiano da vida de judaítas e israelitas”. Também Ribeiro (2016, p. 116): “dando origem à movimentação em direção às montanhas; “israelitas” e “judaítas” para os reinos de Israel e de Judá”. A utilização se faz para diferenciar os habitantes dos dois reinos. Para o Reino do Norte, usa-se “israelitas”. Já para o Reino do sul, o Reino de Judá, seus habitantes são chamados de “judaítas”.

Ribeiro (2016, p. 116) ainda usa o termo “pan-israelita” para designar o que restou do reino do norte: “‘comunidade judaíta pan-israelita’ para designar o processo de centralização do poder, da prática religiosa e da criação de uma ideologia pan-israelita, durante o governo de Josias, após 722 a. E. C. sob o domínio do Império Neobabilônico”.

8 Judaísta/Judaísmo

Bizzocchi (2023)³⁴, na tentativa de esclarecer alguns destes termos que analisamos, ainda usa a forma “judaísta” para identificar o praticante do judaísmo. De origem grega/latina, o sufixo **-ista** (do grego -istés e do latim -ista) indica profissão, ocupação, ser adepto a uma determinada ideologia, especialista ou praticante de uma atividade. O uso do termo com referência ao judaísmo não é comum no português do Brasil.

³³ לִי וְיָהִי עֵשָׂו, בְּנֵי-אַרְבָּעִים שָׁנָה, וַיָּקַח אִשָּׁה אֶת-יְהוּדִית, בַּת-בְּעֹרִי הַחִתִּי--וְאֶת-בְּשֵׁמֶת, בַּת-אֵילָן הַחִתִּי. וְיָהִי, מֵרַת רוּחַ, לִיזְחָק, וּלְרִבְקָה. (בראשית כ"ז, ל"ד-ל"ה)

³⁴ Vaihi Esav, ben-arba'im shanah, vayikach ishah et-Yehudit, bat-Be'eri haChiti - ve'et-Basmat, bat-Eilon haChiti. ³⁵ Vatihyena, morat ruach, leYitzchak, uleRivkah. (B'reshit 27, 34 e 35)

³⁴ <https://diariodeumlinguista.wordpress.com/2023/10/16/qual-a-diferenca-entre-judeu-hebreu-israelen-se-e-israelita/>



O sufixo *-ismo* é de origem grega (*-ismós*) e gera substantivos que indicam doutrinas, ideologias ou sistemas, movimentos artísticos, comportamentos e doenças. A forma “judaísmo”, então, bem se aplica a prática da religião judaica.

9 Hebreodescendente/Samaritano

Fazendo um contraponto ao termo “judaísta”, Bizzocchi (2023), em seu blog³⁵, chama de “hebreodescendentes” “os descendentes dos antigos hebreus, que tenham nascido em Israel ou em qualquer outro país, quer sejam judaístas ou praticantes de qualquer outra religião (ou de nenhuma)”, o que faz ressurgir as discussões que questionam a pureza de sangue, que não vem ao caso desenvolver aqui.

Embora distante dos radicais que estamos estudando, o termo “samaritano” não dista do grupo aqui apresentado. A origem de seu nome decorre do nome da cidade de Samaria, capital do Reino do Norte que foi dominada pelos Assírios em 722 a.E.C. É possível dizer que, desde a divisão dos reinos, criou-se uma celeuma entre o norte e o sul tanto por poder, quanto por questões religiosas o que incluía a legitimidade do lugar de adoração, se em Jerusalém ou no monte Gerizim.

Após a queda do Reino do Norte não lhes arrefeceu o orgulho em se denominar como os verdadeiros descendentes das tribos do norte, enquanto os provenientes da tribo do sul os consideravam mestiços e religiosamente impuros. Daí o termo parece destoar etimologicamente dos termos usados até agora.

Apesar do tempo corrido, o censo³⁶ conta atualmente com uma comunidade de quase 900 membros que se divide em Holon (Israel) e Nablus (Cisjordânia). Aceitam somente os 5 primeiros livros da Bíblia (Torah) e rejeitam todo o restante da Bíblia Hebraica (escritos e profetas), bem como o Talmud e outros textos de caráter exegético e normativo.

³⁵ Idem.

³⁶ O último censo da População em Israel (conduzido pelo Gabinete Central de Estatísticas de Israel) foi realizado no ano de 1995, e até hoje ele segue como o último censo geral do país. Há, porém, contagens que acontecem de forma periódica por organizações com o Israelite Samaritan Information Institute que monitora grupos específicos. Nestes casos, os samaritanos. Dados demográficos e estatísticos divulgados indicava uma população de aproximadamente entre 800 e 900 samaritanos, somando a comunidade de Holon e a do Monte Gerizim (Kyriat Luza).



O sufixo **-ano** é de origem latina e designa tanto a procedência, transformando o substantivo em adjetivo gentílico, mas também indica adepto ou seguidor de e uma doutrina, de um sistema ou mesmo de alguém.

É possível que se veja a associação do vocábulo “samaritano” com o vocábulo “caraíta”, em termos ideológicos e religiosos, pois ambos rejeitam tanto a tradição oral e o Talmud. No entanto, a semelhança entre os dois grupos para por aí. Diferente dos samaritanos, os caraítas são uma ramificação do judaísmo que surgiu por volta do século VIII da E.C., ou seja, na Idade Média, em Bagdá, capital do Iraque. Tomam como sagrada somente a Bíblia Hebraica tal qual a conhecemos e acreditam que Jerusalém é o centro da fé. O número de seguidores do caraísmo conta mais de trinta mil pessoas no mundo, sendo a maior parte em Israel.

O nome “caraíta” é uma transliteração da palavra hebraica קְרָאִי – qara’yim, que deriva do verbo קָרָא – qara’ – e significa “ler” ou “chamar”. Desta raiz verbal também provém o vocábulo מִקְרָא – miqra’ – que é uma forma de também designar a Bíblia Hebraica. A palavra “caraíta” pode ser traduzida como aqueles que leem.

Como já vimos, o sufixo que compõe o termo caraíta (**-ita**) pode designar tanto nacionalidade, povos ou descendência histórica, como seitas, religiões ou mesmo doutrinas, como é o caso.

Algo bem interessante com relação aos caraítas é que eles desenvolveram uma língua própria – o *karaim* –, uma combinação do turco com uso das letras hebraicas em sua escrita. Esta língua segue a mesma lógica do ladino ou do ídishe. A principal diferença está na localidade, já que estas línguas resultam do encontro de uma comunidade judaica em uma determinada região. Ao aprenderem o novo idioma, eles costumavam grafá-lo em hebraico o que originou estas ramificações linguísticas. Então, enquanto o ídishe é uma mistura do alemão antigo com línguas eslavas falado principalmente na Europa central/oriental e mantendo a escrita em hebraico, o ladino misturou espanhol, castelhano, turco e até mesmo o português, grafando também com caracteres hebraicos, tendo se desenvolvido na Bacia do Mediterrâneo, Turquia e Israel. O *karaim* se desenvolveu na Lituânia, Ucrânia e Crimeia, misturando diversas línguas turcas usando também a escrita em hebraico.



10 Novo Hebreu/Novo Judeu

O termo hebreu, a princípio associado ao período histórico mais incipiente da formação dos filhos de Israel, ressurgiu com a criação do Estado de Israel, em 1948, reclamando seu espaço. Atualizando seu renascimento e identificado como o *novo hebreu*, reaparece para concretizar este momento da história judaica de resgate de suas origens. Nasce a partir da literatura, intercambiando termos como *novo judeu* / *novo hebreu* e *hebreu* / *israelense*.

É a partir deste momento que podemos entender a figura do Hebreu Novo. Para contrapor o judeu diaspórico, a personagem do Novo Hebreu surge como um vislumbre de luz na literatura. Ela, ao inverso do judeu diaspórico, não utilizava o lídiche (língua advinda de um alemão antigo e Hebraico arcaico), utilizava o Hebraico coloquial, baseando-se em seus ancestrais bíblicos, passa a laborar fisicamente (geralmente na agricultura, no campo), faz a troca da pronúncia asquenazita pela sefardita (já que a pronúncia asquenazita e o próprio lídiche eram línguas utilizadas em seus países de origem, lembrando, assim, da diáspora) e passa a adotar nomes Hebraicos ao invés de nomes do leste europeu. Era intimamente ligada com a natureza, forte, apaixonada pelo trabalho e pelo país, ética e completamente idealista (Perroux, 2022, p. 27).

Reconstruir o sonho do Estado no lugar onde toda a história do povo começou tinha um imenso significado e uma grande responsabilidade. Antes de 1948, outros espaços geográficos foram oferecidos para acolher o Estado Judeu. Em seus escritos, Theodor Herzl, fundador do sionismo, discute sobre o oferecimento de terras na Argentina, Uganda, El Arish (Península do Sinai) e Chipre, mas outros lugares foram oferecidos no Alasca, Crimeia, Austrália, Japão, entre outros.

Logo no Primeiro Congresso Sionista, em 1897, o movimento decidiu que a Palestina seria o único lugar a se considerar, pela sua conexão histórica e religiosa. É embalado neste sonho que renasce, recuperando as raízes que guiaram o povo a Canaã. É assim que também renasce o “novo hebreu”.

Rozenchan (2012) afirma: “O ‘novo hebreu’ foi instado a levar um modo de vida produtivo, a adotar e a utilizar a língua hebraica, demonstrar uma capacidade de autodefesa e a integrar componentes de justiça social em sua visão de mundo sionista.”

Ao mesmo tempo que ele resgata a história incipiente do hebreu, ele agrega valores. É uma nova realidade. São muitas experiências se encontrando para construir uma caminhada, novamente, juntos. O movimento sionista, com seu anseio de mudança e valorização da imagem



do judeu também cria os paradoxos necessários para sobreviver a esta nova realidade. Era preciso, então, romper “como uma antítese ao velho judeu, o protótipo diaspórico e distorcido, preso à casa de estudos, imerso em espiritualidade e lamentos, e que vivia fora da História” (Rozenchan, 2012, p. 13.).

Este “judeu novo” tem um conceito ideológico criado como o modelo ideal do sionismo europeu, no final do século XIX - início do XX. Ele buscava transformar o “judeu do exílio”, que era visto como frágil, intelectual, submisso e passivo, em uma nova figura: robusta, agrária, guerreira, trabalhadora e ligada à terra de Israel. Ele é a continuidade histórica dos antigos hebreus, por isso também chamado de “novo hebreu”.

11 Sabra

A necessidade de apresentar uma imagem deste “novo judeu” que respondia positivamente aos anseios do Sionismo, criou uma poderosa metáfora que visava impulsionar o imaginário daquela geração nascida na Terra de Israel entre 1920 até 1948. É desta criação que surge o “sabra”³⁷, um termo associado a uma fruta de cactus típica de Israel e do Oriente Médio, também conhecida como figo da Índia (*Opuntia ficus*)³⁸. Ela tem uma casca grossa e espinhosa em contraste com seu interior macio e doce.

O “sabra” era “jovem e robusto, ousado e inventivo, direto e terra-a-terra, honesto e leal, ideologicamente comprometido e pronto para defender seu povo até o fim” (Rozenchan, 2012, p. 15). Era uma imagem idealizada e quase mitológica.

Embora esta imagem muitas vezes não combinasse com a real diversidade cultural da sociedade migrante israelense, e frequentemente entrasse em conflito com as partes traumáticas da história judaica, foi uma construção cultural poderosa que, por muitos anos, serviu como uma autoimagem e modelo educacional para a socialização de israelenses e imigrantes (Rozenchan, 2012, p. 15).

Este era o trunfo do Sionismo, a certeza de que o sonho tinha dado certo e que o povo perseguido tinha alcançado sua autossuficiência. Era uma carga grande e poderosa que esta

³⁷ צבר

³⁸ <https://menorah.com.br/o-sabra-e-duro-e-espinhoso-por-fora-mas-doce-por-dentro/>. Acessado em 11 ago. 2024.



imagem carregava. Nela se compreendiam o intelectual, o agricultor e o soldado, o perfil perfeito deste pioneiro.

12 Divisões étnico-culturais

A diáspora judaica foi responsável pelo surgimento de diferentes grupos que desenvolveram hábitos, tradições, liturgias e até mesmo línguas próprias, guardando características ligadas às regiões geográficas onde passaram a habitar. Os três grandes grupos que se destacam nestas divisões são: *ashkenazim*, *sefaradim* e *mizrachim*.

Os *ashkenazim*³⁹ têm seu nome derivado de *Ashkenaz* (אַשְׁכְּנַז), um antropônimo que já aparece no hebraico bíblico:

אֵלֶּה הַתּוֹלְדוֹת בְּנֵי־נֹחַ, שֵׁם חָם וְיֶפֶת; וַיֻּלְּדוּ לָהֶם בָּנִים, אֶחָד הֵמָּבּוּל. בְּנֵי יֶפֶת--גִּמְרִי וּמָגוּג, וּמָדִי וַיֵּן וְתֻבָּל; וּמִשֵּׁךְ, וְתִירָס. אֵלֶּה בְנֵי אֶשְׁכְּנַז וְרִיפַת, וְתִגְרִמָּה.

¹E estas são as gerações dos filhos de Noé: Shem, Cham e Yaphet. E nasceram para eles filhos depois do dilúvio. ²Os filhos de Yaphet são Gomer, Magug, Maday, Yawan, Tubal, Meshech e Tiras. ³E os filhos de Gomer são Ashkhenaz, Riphat e Togarmah. ⁴⁰(Gênesis 10,1-3. Tradução nossa)⁴¹

כִּי שָׂאוּ־נֶס בְּאַרְצָךְ, תִּקְעוּ שׁוֹפָר בְּגוֹיִם קָדְשׁוֹ עָלֶיהָ גּוֹיִם--הַשְׁמִיעוּ עָלֶיהָ מִמְּלֻכּוֹת אֶרֶץ, מִזֵּי אֶשְׁכְּנַז; פִּקְדוֹ עָלֶיהָ טַפָּסָר, הַעֲלֹ־סוֹס כִּלְקֶם סָמָר.

²⁷Levantem a bandeira na terra. Toquem o Shophar entre as nações. Santifiquem sobre ela os povos. Reinos de Ararat, Mini e Ashkhenaz, recrutem contra ela um oficial e façam subir o cavalo como gafanhoto devorador. ⁴²(Jeremias 51, 27. Tradução nossa).

³⁹ Também chamados de ashkenazes ou ashkenazitas

⁴⁰ Texto em hebraico disponível em <https://www.mechon-mamre.org/i/t/t0110.htm?92db6e4abd>. Acesso em maio de 2026

⁴¹ Em 1Crônicas 1, 6 temos o mesmo texto com pequenas variações.

⁴² Texto em hebraico disponível em <https://www.mechon-mamre.org/i/t/t1151.htm?92db6e4abd>. Acesso em maio de 2026.



Neste contexto, há uma associação a povos descendentes de Jafé⁴³ (um dos filhos de Noé) que migraram para o norte e o oeste do Oriente Médio — mais exatamente os citas, nômades que viviam entre o Mar Negro e o sul da Rússia. Foi somente na Idade Média que começou o costume de relacionar geograficamente o mundo aos nomes bíblicos; assim, *Ashkenaz* passou a indicar a Alemanha e as regiões germânicas.

A comunidade que se desenvolveu na região no final do primeiro milênio, além de criar costumes e ritos próprios, foi marcada pelo *ídishe*, uma língua que combinava elementos dos idiomas falados naquelas regiões com o hebraico, utilizando o alfabeto hebraico em sua forma escrita. Os *ashkenazim*⁴⁴ tornaram-se o maior grupo etnocultural judaico, com grandes comunidades fora de Israel, sendo os Estados Unidos o país com a maior concentração desse grupo.

Paralelamente aos *ashkenazim*, temos os *sefaradim*⁴⁵, um grupo numericamente menor que o primeiro, mas que desenvolveu uma identidade judaico-cultural bastante marcante. Seu nome deriva de *Sefarad* (סְפָרַד), que traduz “Espanha” no hebraico moderno. Este termo também aparece na Bíblia, no livro do profeta Obadias:

פּ וְגַלְתָּ הַחֲלֵהָ לְבְנֵי יִשְׂרָאֵל אֲשֶׁר־כְּנַעֲנִים, עַד־צָרְפַּת, וְגַלְתָּ יְרוּשָׁלַם, אֲשֶׁר
בְּסִפְרָד--יְרֵשׁוּ, אֶת עָרֵי הַנֶּגֶב. (ספר עובדיה, פרק א', פסוק כ')

E o início deste exílio para os filhos de Israel que estão entre os cananeus, até Tsrphat (geralmente traduzido por Sarepta) e exílio de Jerusalém que está em Sefarad herdarão as cidades do Neguev.⁴⁶ (Obadias 1, 20. Tradução nossa)⁴⁷

⁴³ A partir de Gênesis 10, conhecido como tabela das nações e um mapa etnográfico antigo, há associação dos filhos de Noé como fundadores de povos que migraram do Oriente Médio para compor o cenário do Oriente Próximo e Bacia do Mediterrâneo, onde se concentrava o mundo conhecido na época. Esta teoria foi provada pela linguística comparada, juntamente com a Genética das populações e a Arqueologia, como um desacerto. Assim, Sem seria o pai dos povos semitas; Cão, dos povos africanos/canaanitas (ramo camita) e Jafé seria o pai dos povos europeus/indo-europeus (ramo jafetita).

⁴⁴ Note que o plural masculino de substantivos e adjetivos no hebraico tem a marca do sufixo “im”. A forma acompanha palavras que são transliteradas do hebraico e não, exatamente, traduzidas, como ocorrem com palavras como “querubim” ou “serafim”. Na transliteração de adjetivos etnônimos acompanha o que já falamos acima ao tratar do adjetivo ‘ibri. Dessa forma, ao adjetivar a palavra *ashkenaz* teríamos para o masculino singular *ashkhenazi* e para o masculino plural *ashkhenazim*; para o feminino singular *ashkhenazit* e para o feminino plural *ashkhenaziot*.

⁴⁵ É o mesmo caso de *ashkhenazim*. A forma que aqui usamos é transliterada do hebraico. Na tradução para o português segue o padrão sufixal “ita”, de onde temos sefaradita.

⁴⁶ Texto hebraico em <https://www.mechon-mamre.org/i/t/t1601.htm>.

⁴⁷ Preferimos a interpretação de Rashi para a tradução da expressão הָיָה הַחֵל (https://www.sefaria.org/Rashi_on_Obadiah.1.20.2?lang=bi); Além de Sefarad, o texto também traz Tsrphat que na tradução posterior passou a ser associada à França.



Originalmente, assim como *Ashkenaz*, o termo *Sefarad* não se referia a um Estado moderno e sua definição geográfica exata não era precisa no texto bíblico. Inicialmente, a tendência foi associar o nome a Sardes, antiga capital do reino da Lídia (atual Turquia/Anatólia) — hipótese provável se considerarmos a pronúncia persa para esta capital (*Sparda*).

Foi a tradição rabínica que, ao mapear o mundo bíblico, começou a associá-lo a novas fronteiras e impérios conhecidos. O *Targum Jonathan*⁴⁸ (final do século II E.C.) já traduz *Sefarad* por *Ispamia*. Nos séculos XI e XII, importantes rabinos como Rashi e Ibn Ezra mantiveram essa associação.

Os *sefaradim* se originaram dos descendentes judeus que habitaram a Península Ibérica até o final do século XV E.C., tendo grande destaque na chamada “Idade de Ouro” judaica com expoentes como Maimônides e Yehuda Halevi. O período inquisitorial provocou a expulsão do grupo da região. Eles desenvolveram uma língua própria, o *ladino*, que combinava elementos hebraicos, espanhóis, turcos e gregos e a escrita também com o alfabeto hebraico.

Há também os *mizrachim* (ou mizraítas), termo que designa as comunidades judaicas que permaneceram no Oriente Médio, Norte e Chifre da África e Ásia Central. Sua identidade está profundamente arraigada ao período dos impérios Babilônico, Persa e Islâmico, sofrendo forte influência cultural de árabes, persas e turcos.

Como subgrupos dos *mizrachim* temos:

(1) Comunidade do Iraque que se destacou por causa da produção do Talmud Babilônico e por uma história que remonta o exílio babilônico (século VI a.E.C.);

(2) Judeus persas e búcaros⁴⁹ (Uzbequistão e Tajiquistão), oriundos da região do Irã e Ásia Central, com tradições culturais e linguísticas peculiares;

(3) Comunidade do Iêmen, (em hebraico *Teiman* תֵּימָן, que significa sul) com ritos litúrgicos singulares e uma pronúncia de referência para a língua hebraica;

(4) Judeus do norte da África (Magreb), que compreendem as comunidades do Egito, Líbia, Tunísia, Argélia e Marrocos; e

(5) Comunidades do Levante, que abrange Síria, Líbano e a Palestina. Algumas dessas comunidades adotaram a liturgia e as leis *sefaradim*.

⁴⁸ Um tipo de tradução antiga para o aramaico acompanhada de comentários. Foi atribuído ao sábio Jonathan ben Uzziel.

⁴⁹ Também conhecidos como bucaranos ou *bukahrim*.



Além dos três grandes grupos étnicos-culturais (ashkhenazitas, sefarditas e mizrachitas), outros grupos de grande valor historiográfico se destacam como os Beta Israel⁵⁰ (judeus etíopes), judeus indianos⁵¹, romaniotas⁵², judeus italianos (Italkim)⁵³, judeus chineses⁵⁴ (comunidade sino-judaica, cujo prefixo **sino** procede do latim medieval *-Sinae* -, a partir do grego *Sīnai* - Σῖναι. Este prefixo foi absorvido a partir das rotas de comércio da seda, na Dinastia Qin - 221 a.E.C.).⁵⁵

A identificação destes grupos se dá pelo termo judeu/judaico junto a seus nomes regionais. Outros grupos menores ainda podem ser identificados e, muitas vezes são classificados como subgrupos dos *mizrachim*, como os grupos do Cáucaso e Ásia Central, além dos Judeus da Geórgia, os Judeus de Bukhara (Uzbequistão e Tajiquistão) e os Judeus das Montanhas (*Juhuro*, no Daguestão e Azerbaijão). Entende-se que esta classificação é uma simplificação sociológica moderna do Estado de Israel, já que não se enquadram entre

⁵⁰ Beta Israel significa Casa de Israel em ge'ez, uma língua litúrgica etíope. Foram historicamente conhecidos como falashas, um termo amárico – língua oficial da Etiópia - que significa “exilado” ou “estrangeiros” e é entendido como um nome pejorativo. Eles se isolaram nas montanhas ao norte da Etiópia, desenvolvendo um judaísmo peculiar, baseado somente na Torah – *Orit*, em ge'ez. Nas décadas de 1980 e 1990, o governo de Israel organizou missões humanitárias – Operação Moisés (1984) e a Operação Salomão (1991) – para transferir a comunidade para Israel em meio a guerras civis e crises de fome na região.

⁵¹ Divididos em três subgrupos: os *Bnei Menashe* e os *Bnei Israel*. O termo *bnei* significa “filhos de”, em hebraico. O primeiro grupo concentrava-se no nordeste da Índia e reivindicava sua identificação com a tribo de Manassés, uma das dez tribos perdidas, enquanto o segundo grupo, ficou na região Oeste da Índia e não fez uma associação a uma tribo específica. O terceiro grupo, os Judeus de Cochim (*Cochin Jews* ou *Malabar Jews*), localizava-se ao sul, no estado de Kerala.

⁵² Habitaram a Grécia e regiões vizinhas do Mediterrâneo Oriental. Seu nome deriva de *Rhomania* (Ρωμανία), termo pelo qual era conhecido o Império Bizantino. Eles desenvolveram a língua yevânica (judaico-grego), um dialeto grego, combinados com empréstimos hebraicos e aramaicos e escrito com letras hebraicas. Eles praticamente foram dizimados com o holocausto. Grande parte de seus descendentes vivem hoje na diáspora.

⁵³ O termo *italkim* significa italianos em hebraico. A presença de judeus em Roma tem registro desde o século II a.E.C. Eles têm ritos e cultura própria e, inclusive, uma língua própria, o *italkit* ou língua *giudeo-romanesco* ou *giudeo-livornese* - judeu-italiano., uma combinação de italiano antigo com hebraico e aramaico, mas escritos no alfabeto hebraico.

⁵⁴ Também conhecidos como judeus de Kaifeng (província de Henan, onde se iniciou a comunidade propriamente dita, na Dinastia Song, entre 960 e 1279 E.C.). Atualmente a comunidade não conta mais do que 1000 descendentes.

⁵⁵ A pronúncia do nome da dinastia soa como *ch'in*, de onde vem também o nome moderno do país (China). O uso de prefixos para designar relação entre países acontece também com “Anglo” (do latim “angli” refere-se à Inglaterra ou países de língua inglesa; Galo (do latim “Galli”) com referência à França; “Nipo” para o Japão; luso (Com referência à região da antiga província romana na Lusitânia, Portugal) e Germano/teuto (Alemanha).



ashkhenazim e *sefaradim*, o que acaba negligenciando diferenças filológicas, geográficas e culturais profundas.

13 Judeidade/Judaidade

Ao se falar em judeu, então, tanto podemos dizer aquele que pratica a religião judaica, quanto aquele que se identifica com a cultura, história ou ideologia. É um termo lato que, no final das contas, abrange várias significações e talvez precise se associar a outros adjetivos para ser definido. Por exemplo, não há um termo que se possa usar que identifique um indivíduo judeu ateu propriamente. Sand (2014), em uma entrevista à revista Carta Capital⁵⁶ se definiu judeu laico e ateu. Isso significa que, quem se entende como judeu laico pode não se entender como judeu ateu. É o que conclui Rodrigues (2013), a partir de uma pesquisa censitária:

A designação de judeu laico pode ser entendida como eles percebiam o judaísmo como uma referência cultural, mas sem caráter religioso, muitas vezes se classificando como ateus, agnósticos ou, no máximo, sem religião, o que os exclui da categoria censitária judeu/israelita. Eram secularizados em diferentes níveis e, por isso descolavam sua identidade étnica de sua correspondência no campo religioso, o que poderia produzir um impacto significativo na representatividade quantitativa do grupo étnico, reduzindo-o (Rodrigues, 2013, p. 529).

A carteira de identidade em Israel, conhecida em hebraico como *teudat zehut* (תעודת זהות), até o ano 2000, confirmava quem era judeu com a menção no documento (*-ha-le'um -* הלאום)⁵⁷. Embora ser israelense ou judeu esteja associado a valores mais amplos, essa definição que a identidade em Israel impôs, gerou, desde o seu início, muitas reações. Isso aconteceu porque Ysrael Bar-Yehudá, ministro do interior de Israel entre 1955 a 1959, afirmou que qualquer pessoa poderia se autodeclarar judia em sua carteira de identidade, o que desencadeou uma série de discussões.

⁵⁶ <https://www.cartacapital.com.br/mundo/201cnao-aceito-a-legitimacao-etnocratica-e-racial-do-estado-de-israel201d-8478/>

⁵⁷ Pode ser traduzido como nacionalidade ou pertencimento étnico. É preciso entender que há uma diferença entre *eZRACHUT* (אֶזְרָחוּת) que pode ser traduzido como cidadania e se refere a todos os residentes legais (quer sejam judeus, árabes muçulmanos, árabes cristãos, drusos ou circassianos) e são considerados israelenses e *le'um* (לְאֻמִּים) que pretendia identificar o grupo étnico ao qual o indivíduo pertencia (se árabe, judeu ou druso).



No final, coube às decisões *halákhicas* (relacionadas às normas práticas ligadas à religiosidade) que concluírem “que um judeu é aquele filho de mãe judia ou aquele que tivesse se convertido por sanção rabínica” (Travassos, 2015, p. 7).

Segundo a lei judaica (Halachá), todo judeu permanece integrado a seu povo, mesmo que tenha deixado de ser praticante do judaísmo e mesmo que rejeite sua judeidade se convertendo. E quando um judeu se converte ao judaísmo, ele se torna judeu para sempre, queira ou não.

Ser judeu, portanto, não é ser como ser cristão, porque, mesmo que um judeu abandone sua religião, ele continua a fazer parte do povo judeu e, portanto, da história desse povo: é a judeidade, sua identidade de judeu sem deus, por oposição à judaidade dos que permanecem religioso. Nenhuma religião jamais retomou essa ideia: com efeito, segundo a lei judaica, continua-se judeu (no sentido de judeidade) mesmo que se tenha deixado de ser judeu (no sentido do judaísmo ou da judaidade). E se é judeu de modo definitivo e sem retorno possível, seja por filiação materna ou seja por conversão (Roudinesco, 2010, p. 18).

As mudanças se fizeram necessárias a partir do ano 2000, quando vários processos judiciais chegaram tribunais israelenses, alegando que se constasse somente o termo “israelense” na identificação da carteira. A Suprema Corte Israelense, no entanto, negou os pedidos afirmando que não existia uma nacionalidade israelense separada do pertencimento étnico/religioso. Apesar dessa decisão, o Ministério do Interior (Misrad HaPnim - משרד הפנים) promoveu as devidas mudanças no documento.

Muito embora, desde 2005, o termo *le’um* não conste mais no documento, a informação sobre este item continua válida para identificação de dados populacionais do Ministério do Interior. Por outro lado, a cor da capa da identidade passou a ser um identificador geopolítico e de status, identificando com a cor azul os israelenses e os residentes permanentes⁵⁸; a cor laranja, com controle militar de Israel direto, para distinguir os palestinos da Cisjordânia e de Gaza dos cidadãos israelenses⁵⁹. A cor verde passou a ser usada para este mesmo grupo após 1995, quando foram assinados os acordos de Oslo, quando a Autoridade Nacional Palestina passou a emitir estes documentos aos residentes palestinos destes mesmos territórios (mas ainda

⁵⁸ Moradores árabes de Jerusalém Oriental e das Colinas de Golã

⁵⁹ Após a guerra dos Seis Dias (1967), o governo militar israelense assumiu a administração civil dos territórios de Gaza e Cisjordânia. A cor dos documentos facilitava na autorização da mobilidade dos residentes destas regiões para o território de Israel.



com controle de Israel)⁶⁰. A biometria passou a ser introduzida em Israel a partir de 2013, com o uso de um cartão com *chip*.

Se a burocracia do registro civil busca enquadrar o indivíduo em categorias estatutárias e geopolíticas delimitadas — operando por meio de distinções cartoriais ou cromáticas —, a vivência concreta da identidade judaica extrapola amplamente a rígida moldura estatal. A incapacidade de os documentos oficiais traduzirem a totalidade dessa experiência evidencia a necessidade de instrumentais analíticos mais finos. É nesse horizonte de complexidade que as formulações do sociólogo Albert Memmi ganham relevância, oferecendo distinções conceituais fundamentais para a compreensão da identidade subjetiva e coletiva.

Assim, os termos judeidade e judaidade⁶¹ têm sutis diferenças que, se bem empregados, nos auxiliam na caminhada. Eles são forjados a partir da tradução dos vocábulos usados por Memmi (1965): *judéité* e *judaïsme ou judaïcité*.

Por “judaidade”, entende-se um conteúdo religioso, uma crença em dogmas. Ao falar em “judeidade”, no entanto, não importa a crença em si, mas o conteúdo cultural, afetivo, emocional, ideológico e o que mais se possa pensar que identifique um indivíduo a um determinado grupo — menos religiosidade.

Atualmente o judaísmo é pensado tanto como uma religião quanto como ideologia, tanto como tradição quanto estilo de vida. Mas não é apenas o mito de origem narrado nas Escrituras que traz o sentimento de uma origem comum e de comunidade. Há uma história reconhecida e partilhada de buscas, conquistas, vitórias, derrotas e desteros nas quais heróis, homens comuns e populações inteiras, persistiram em manter a unidade e o sentimento de pertença a um povo, preservando o sentimento de comunidade. Uma história antiga e recente de colonizações, migrações, perseguições, cativos e recuperação (Galinkin, 2008. p. 87).

Embora judeidade e judaidade definam campos diferentes, eles continuam intrinsicamente ligados. Essa ligação não se processa por meio da fé, mas exatamente da Bíblia, pelo modo como se olha e se encara seu texto. Sorj (2010) lança um novo olhar a esta discussão, a partir da ideia de judaísmo secular:

⁶⁰ Em alguns momentos, entre a guerra de 1967 e os acordos de 1995, também foram emitidas carteiras com capas vermelhas ou marrons avermelhadas, estas últimas identificavam os residentes do território de Gaza.

⁶¹ Algumas vezes é traduzido como judaicidade, como ocorre em Butler, Judith. Caminhos divergentes: judaicidade e crítica do sionismo. Tradução Rogério Bettoni. 1. ed. São Paulo; Boitempo.



Enquanto a humanidade não encaminhar novas utopias, o desafio para o judaísmo secular consiste em reconstruir o diálogo com a tradição judaica – inclusive e em particular com a tradição religiosa que aceita os valores da modernidade – para criar um judaísmo em que a comunidade seja uma ponte para o mundo, em que a identidade não seja uma forma de excluir, em que a tradição seja uma fonte de sabedoria e não de dogmas, em que o sionismo se mantenha fiel às suas origens e continue sendo uma ideologia política e não uma teologia. Nesse sentido, o judaísmo secular tem tudo a compartilhar com as tradições religiosas como a reformista e a conservadora. Menos deus. (Sorj, 2010, p. 19).

Conclusão

A trajetória que conduz *Do Texto à Identidade* revela que os etnônimos e gentílicos associados ao povo de Israel não são meras etiquetas linguísticas, mas camadas sedimentadas de uma longa e complexa experiência histórica. Ao investigar a filologia desses termos — da ancestralidade do hebreu e do israelita à reconfiguração identitária do judeu, do israelense e do sabra —, este estudo demonstrou que a linguagem opera como o próprio repositório da memória coletiva. Através das marcas morfológicas e das rotas de transmissão que alcançaram a língua portuguesa, o léxico se confirma como um território de resistência e adaptação face às dispersões geográficas, aos traumas inquisitoriais e às transformações da modernidade secular.

Ademais, a distinção conceitual entre *judeidade* e *judaidade* consolida-se como um divisor metodológico fundamental. Ela permite compreender que o pertencimento cultural e o vínculo histórico transcendem a estrita observância da fé, embora frequentemente dialoguem com ela. Outros termos se somam a esses pela necessidade de mapear subgrupos cujas nuances culturais foram modificadas por processos de assimilação, os quais conferiram novas formas e olhares à experiência de fé primeira. Trata-se aqui não necessariamente de uma experiência religiosa, mas do sentimento que impulsiona a caminhada: a fé na vida e na coletividade.

Em última análise, conclui-se que, apesar das fraturas impostas pelas diásporas e perseguições, a literatura bíblica permanece como a matriz indelével e o elo inalienável dessa jornada. Como registro documental e ancestral de uma história em contínua configuração, a Bíblia não esgota sua relevância no sagrado; ela moldou expressões idiomáticas, artes, estruturas narrativas e reflexões éticas que permeiam a cultura popular, servindo de âncora entre a ancestralidade e a modernidade. É nela que o passado e a contemporaneidade se encontram, demonstrando que a identidade judaica, longe de ser um bloco monolítico estático, renova-se continuamente na palavra.



Por fim, este estudo deixa caminhos abertos, ciente de que o tema não se esgota. Subsistem ainda narrativas que precisaram ser ocultadas por sobrevivência — gerando bifurcações linguísticas e semânticas — e que ainda demandam ser descobertas e identificadas. Diante disso, compreende-se a Bíblia como uma obra que transcende a religiosidade e abraça a própria humanidade. Mais do que professar fé no livro dogmático, desvela-se a necessidade de ter fé nas palavras que se formam, comunicam-se e ressignificam-se para continuar escrevendo novas histórias.

REFERÊNCIAS

- ALI, Manuel Said. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2001.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Parábola, 2021.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BEREZIN, Jaffa Rifka. **Dicionário Hebraico-Português**. São Paulo: Edusp, 2003.
- BÍBLIA** de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2020.
- COHEN, Jeremy. **The Friars and the Jews: the evolution of medieval anti-Judaism**. Ithaca: Cornell University Press, 1982.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.
- EBAN, Abba. **A História do Povo de Israel**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975.
- GALINKIN, Ana Lúcia. Judaísmo e Identidade judaica. **Interações - Cultura e Comunidade** v. 3, n. 4, p. 87-98, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5662863/mod_resource/content/1/identidade%20judaica%20Lucia%20Galinkin.pdf. Acesso em: 14 fev. 2024.



GOLDBERG, David J. **Os Judeus e o judaísmo**: história e religião. Tradução: Paulo Geiger (org) e Carlos André Oighenstein. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

GOLDBERG, David J.; RAYNER, John D. **Os Judeus**: história, crenças e costumes. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

HATCH, Edwin; REDPATH, Henry A. **A Concordance to the Septuagint and the other Greek Versions of the Old Testament (Including the Apocryphal Books)**. 2nd ed. Grand Rapids: Baker Academic, 1998.

LIMA, Rita Isadora Pessoa Soares de. **Deem-me a cratera do Vesúvio como tinteiro: um estudo sobre o duplo velado em Moby-Dick**. Tese de doutorado. Orientadora: Susana Kampff Lages Lages. Niterói, UFF. 2018.

MEMMI, Albert. **Retrato de um Judeu**. Tradução de Manuel de Seabra. Lisboa: Livraria Bertrand, 1965.

NOVINSKY, Anita. **A Inquisição**. (Coleção Tudo é História). 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

PERROUT, Isabelle de Brito Malte. **A poesia e a identidade do povo hebreu na formação do Estado de Israel Uma pesquisa socioliterária**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientador: Professor José Antonio dos Santos Borges, 2022.

RIBEIRO, Andréa Bernardes de Tassis. Novas definições terminológicas para entender a História de Israel. In: **Sacrilegens**. Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião – UFJF. V. 13, n2, p. 111-124, jul-dez/2016. Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2017/04/13-2-8.pdf>. Acesso em: 30 set. 2024.

ROTH, Leon. **O pensamento judeu como fator de civilização**. Tradução de Henrique Tarnapolsky. Rio de Janeiro: Biblos, 1964.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Retorno à questão judaica**. Tradução: Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

ROZENCHAN, Nancy. **O que resta da vida e o contexto histórico**: a respeito da identidade judaica e sua expressão na literatura hebraica. Repositório Institucional da USP. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ellh/article/view/53644/57607>. Acesso em: 11 ago. 2024.

SAND, Shlomo. **A Invenção do Povo Judeu**: da Terra Santa ao povo escolhido. Tradução de Eveline Bouteiller. São Paulo: Benvirá, 2011.

SCHAMA, Simon. **A História dos judeus: à procura das palavras**: 1000 a.C. – 1492 d.C. Tradução: Donaldson M. Garschagem. São Paulo: Companhia das letras, 2015.



SCHLESINGER, Hugo. **Dicionário Enciclopédico das Religiões**. Petrópolis: Vozes, 2011.

SORJ, B. Meditações político-existenciais 1. In: BONDER, N., and SORJ, B. **Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010, pp. 16-22. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/twgn7/pdf/bonder-9788579820403-03.pdf>. Acesso em 14 fev. 2024.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. **Zakhor: a memória judaica e a história judaica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Sites consultados

ALVES, Altair. Maior escola judaica do Brasil, Liessin fecha as portas na Barra da Tijuca. *Diário do Rio*, Rio de Janeiro, 8 ago. 2023. Disponível em: <https://diariodorio.com/maior-escola-judaica-do-brasil-liessin-fecha-as-portas-na-barra-da-tijuca/>. Acesso em: 16 set. 2026.

BERESHIT RABBAH 37:7. In: SEFARIA. [S. l.: s. n.], [20--]. Disponível em: https://www.sefaria.org/Bereshit_Rabbah.37.7?lang=bi. Acesso em: 16 set. 2026.

BERESHIT RABBAH 38:6. In: SEFARIA. [S. l.: s. n.], [20--]. Disponível em: https://www.sefaria.org/Bereshit_Rabbah.38.6?lang=bi. Acesso em: 16 set. 2026.

BIZZOCCHI, Aldo. Qual a diferença entre “judeu”, “hebreu”, “israelense” e “israelita”? *Diário de um Linguista*, [S. l.], 16 out. 2023. Disponível em: <https://diariodeumlinguista.com/2023/10/16/qual-a-diferenca-entre-judeu-hebreu-israelense-e-israelita/>. Acesso em: 16 set. 2026.

REDAÇÃO, Da. Mistério bíblico: que fim levaram as dez tribos perdidas de Israel?. *Aventuras na História*, [S. l.], 23 set. 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/enigmas-biblia-religiao-judaismo-cristianismo-hebreus-tribos-perdidas-historia.phtml>. Acesso em: 16 set. 2026.

TALMUD BAVLI. Megillah 17a:5. In: SEFARIA. [S. l.: s. n.], [20--]. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Megillah.17a.5?lang=bi>. Acesso em: 16 set. 2026.

Recebido em: 08 jul. 2026

Aceito em: 16 set. 2026